

Uma Hermenêutica de Profundidade dos *Ensaios sobre o ensino em geral, e sobre o de matemática em particular*, de Lacroix

Mirian Maria Andrade⁴⁹

RESUMO

Neste texto apresentamos uma investigação em que analisamos a obra *Ensaios sobre o ensino em geral, e sobre o de matemática em particular*, de Silvestre François Lacroix, mobilizando a Hermenêutica de Profundidade (HP), a partir de John B. Thompson, como aporte teórico-metodológico. Desta forma, tratamos do modo como procedemos com as análises sócio-histórica, formal e a interpretação/reinterpretação. Nossa movimento analítico propõe, também, uma aproximação da HP com a concepção de Paratextos Editoriais de Gérard Genette e, portanto, esboçamos uma discussão sobre essa possibilidade. Finalizamos este texto com uma discussão sobre a Hermenêutica de Profundidade como um método em desenvolvimento em Educação Matemática, apontando, segundo nosso ponto de vista, algumas considerações deste referencial teórico-metodológico para este campo de pesquisa.

HP e Lacroix: um movimento analítico em Educação Matemática

Uma Hermenêutica de Profundidade dos *Ensaios sobre o ensino em geral, e sobre o de matemática em particular*, de Lacroix. É sobre isso que trataremos, a partir de Andrade (2012). Uma obra: *Ensaios sobre o Ensino em geral e sobre o de matemática em particular*. Obra do acervo do GHOEM, 4^a edição, datada de 1838 e que versa sobre o ensino de Matemática. Um autor: Silvestre François Lacroix, conhecido autor de livros didáticos de matemática. Uma possibilidade ou objetivo: desenvolver um exercício analítico da obra.

A estrutura diferenciada da obra nos chamou a atenção por não se tratar de um livro voltado para a apresentação de um conteúdo específico de matemática para ser usado em sala de aula, ou seja, o *Essais...*⁵⁰ não é um livro didático no mesmo sentido dos vários livros didáticos do mesmo Lacroix. Trata-se de um livro que investiga, questiona e pretende ser um registro historiográfico sobre o ensino de matemática; e, mais que isso, um livro que, tendo Lacroix como o autor, refere-se à Educação (em geral) e ao ensino de matemática. É uma coletânea de reflexões, que o próprio autor

⁴⁹ Doutora em Educação Matemática pelo PPGEM - UNESP/Rio Claro. Docente da Universidade Federal de Uberlândia, campus Pontal. Membro do GHOEM – grupo História Oral e Educação Matemática.

⁵⁰ Modo abreviado de usar o título da obra em francês: *Essais sur l'enseignement en général, et sur celui des mathématiques en particulier*.

assume serem de caráter historiográfico, sobre o ensino na França, seguida de uma descrição analítica de sua obra didática – os livros do *Cours de Mathématiques* – uma série de livros para o ensino, publicados nos anos de 1797 a 1802, composta por títulos relativos à Aritmética, à Álgebra, à Geometria, à Trigonometria e ao Cálculo Diferencial e Integral.

Com o objetivo de desenvolver um exercício analítico dessa obra, a moldura teórica mobilizada foi a da Hermenêutica de Profundidade, apresentada em Thompson (1995) como uma possibilidade de análise a formas simbólicas numa abordagem que vincula, ao mesmo tempo, elementos historiográficos e sociológicos, e está filosoficamente enraizada na Fenomenologia Hermenêutica de Paul Ricoeur.

Além da análise dessa obra, fez parte da proposta a opção por traduzi-la integralmente. O processo de tradução, considerado como um primeiro exercício em hermenêutica – parte integrante de uma análise formal ou discursiva, visto que ele permite uma incursão pela estrutura interna do livro -, ocorreu em dois momentos concomitantes: uma tradução realizada por alguns membros do GHOEM e simultaneamente – mas separadamente – a este processo, outra tradução da mesma obra foi realizada, a pedido do GHOEM – Grupo História Oral e Educação Matemática -, por Karina Rodrigues, vinculada ao Departamento de Letras da UNESP, campus de São José do Rio Preto, que se incorporou ao grupo para desenvolver esse projeto. Essa tradução foi revisada por Antonio Vicente M. Garnica e Maria Laura Magalhães Gomes que incorporaram ao texto mais de uma centena de notas de revisão. A tradução profissional é a que tomamos como a tradução definitiva, usada em nossa pesquisa.

Na análise sócio-histórica, mergulhamos num mundo mais próprio dos historiadores e, neste processo, em síntese, estudamos o contexto em que a forma simbólica foi pensada, produzida e, posteriormente, circulou. E, então, tentamos “compreender o pensamento” de Lacroix e as possíveis influências desse contexto à escrita de sua obra, buscando ao mesmo tempo estranhá-lo (visto que o estranhamento autêntico é essencial num processo de suspeição) e evitar um possível estranhamento (que ocorreria se considerássemos seu discurso como despregado das situações contextuais em que viveu). Foi preciso, portanto, analisar seu discurso dentro dos parâmetros contextuais, sociais, econômicos e políticos dos séculos XVIII e XIX, sobretudo na França. A aproximação congenial com um autor é, sabemos, impossível,

mas o esforço para essa aproximação impossível é o que gera significados plausíveis sobre ele próprio, autor, e sua obra.

A primeira edição do *Essais...* é de 1805, tendo sido as segunda, terceira e quarta edições, respectivamente, publicadas em 1816, 1828 e 1838. A obra que consta no acervo do GHOEM (e que tomamos como objeto central da nossa pesquisa) é uma quarta edição. Sempre que necessário, durante nossa análise, chamamos à cena as outras edições do *Essais...*, todas disponíveis digitalmente. Para atender nosso objetivo de constituir o cenário global da forma simbólica, iniciamos realizando uma análise sobre as situações espaço-temporais da época de produção, publicação e mobilização da obra. Verificamos que o *Essais...* apresenta uma defesa apaixonada do Iluminismo⁵¹, e que suas edições conseguem atravessar o momento revolucionário, o período napoleônico⁵² e alcançar a Restauração, com o retorno da Monarquia. Isso nos levou a questionar como Lacroix se relacionava no meio em que vivia, num período de grandes mudanças políticas e sociais, a ponto de continuar publicando este texto, praticamente sem alterações, defendendo um ideal já rejeitado. A análise dos “Campos de Interação” nos permitiu compreender que Lacroix era moderado, com opiniões progressistas, bem ao gosto da tradição iluminista do século XVIII, sem pertencer ao grupo político dos jacobinos que lhe garantiu posições oficiais no programa de reformas das instituições educacionais francesas. A análise dos “Campos de Interação” também nos permitiu conhecer a produção de Lacroix, seu momento de maior produção (que é justamente a época em que o *Essais...* tem sua primeira edição publicada) e o momento de declínio de sua produção (que compreende o período de publicação das demais edições desta obra).

⁵¹ Movimento que teve início no século XVII e alcançou seu auge no século XVIII. A origem do termo iluminismo vem de “luzes”, posto que era um esforço para tirar os homens do domínio da superstição e da ignorância, iluminando as trevas na qual a sociedade esteve imersa por longo tempo.

⁵² Em 1804, Napoleão proclamou-se Imperador com as bênçãos do Papa Pio VII e, dessa forma, teve início o Império Napoleônico, que se estendeu até 1814. Sob o poder de Napoleão, a imprensa foi censurada e, no que se refere à educação, foram alterados os programas das disciplinas de História e Filosofia, disciplinas perigosas demais para o seu regime de governo. Deste modo, a população aprendia tanto os deveres para com Deus quanto os deveres para com o Imperador. Napoleão restabeleceu a escravidão nas colônias, e tomou outras atitudes que promoviam o abandono do ideário revolucionário. Em 1813, Napoleão perdeu uma disputa contra a aliança constituída pela Prússia, Rússia e Áustria. Em seguida, foi preso, mas fugiu em março de 1815 e voltou à França onde assumiu novamente o poder (no período denominado “Governo dos cem dias”). No entanto, foi finalmente detido por uma coligação europeia que restituíu o poder a Luís XVIII. Com isso, teve início o período da História da França denominado Restauração (1814-1848), quando se consolida a rejeição às teorias iluministas (consideradas culpadas pela desordem provocada pela Revolução).

No *Essais...*, Lacroix defende efusivamente o modelo das Escolas Centrais⁵³. A análise das instituições sociais nos permitiu compreender melhor essas instituições (sua implantação, seu modelo de ensino e sua extinção, em 1802) de um ponto de vista que não fosse “apenas” o que Lacroix registra em seu livro. Este estudo nos revelou, também, aspectos do funcionamento das instituições sociais (a família, a sociedade, a ciência, a política, as editoras, os círculos de intelectuais etc.) da época do Antigo Regime e dos períodos revolucionários, Napoleônico e da Restauração.

Ao desenvolvermos nossa análise sócio-histórica, tentamos nos guiar pelos cinco diferentes modos de aproximação sugeridos por Thompson: seria necessário tratar das situações espaço-temporais, dos campos de interação, das instituições sociais, da estrutura social e dos meios técnicos de transmissão. Foi, entretanto, “nossa” forma simbólica que nos permitiu este trânsito entre os diferentes tipos de abordagem que depende de termos disponíveis materiais complementares (livros, pinturas, informações variadas e estudos prévios, por exemplo). Numa análise fundada na Hermenêutica de Profundidade, porém, não é sempre necessário – e em alguns casos nem sempre é possível – passar por todas essas instâncias. No início da nossa pesquisa, no entanto, nos dispusemos a investigar a possibilidade de abordá-los todos, já que uma de nossas pretensões era discutir o alcance e as limitações do Referencial. Além disso, só a pretensão de abordá-los é que nos mostraria as possibilidades e impossibilidades de, efetivamente, abordá-los.

A análise da obra em si, por sua vez, deu-se mais propriamente com a análise formal quando, além de nos debruçarmos sobre os elementos que compõem a narrativa e sobre a própria narrativa como um todo coeso, atentamos também para os demais elementos que, de certo modo, compõem o *Essais...*. E então dividimos, quebramos e remontamos o texto escrito de Lacroix numa tentativa de explorar, o quanto mais nos fosse possível, essa forma simbólica.

Na análise formal ou discursiva, nosso foco voltou-se principalmente para os elementos “internos” do livro, como sua materialidade (a capa, o material e as informações das páginas internas, o nome do autor, o formato da obra, o título, o

⁵³ As Escolas Centrais surgiram a partir das leis de 7 *Ventôse* ano III (25 de fevereiro de 1795), modificadas alguns meses depois, em 3 *Brumaire* ano IV (3 de outubro de 1795) e abriram suas portas às vésperas do verão de 1796. Foram criadas para substituir os colégios do Antigo Regime. Nas Escolas Centrais era oferecido o segundo grau da instrução pública, organizado em cursos (que substituíram as antigas séries dos colégios jesuítas), e funcionavam num sistema de módulos de ensino.

sumário, a (ausência de) dedicatória e epígrafes, as notas presentes no texto, o prefácio e a sequenciação do texto). Neste momento analítico, principalmente, nos pautamos na concepção de paratextos apresentada por Genette (2009). Nesta análise, que lança um olhar para os elementos que constituem a obra, verificamos, por exemplo, que o *Essais...* não apresenta uma dedicatória e que, segundo Genette, a prática de dedicar uma obra praticamente não existiu durante o século XVIII. Apesar de esta obra ter sua primeira edição publicada no início do século XIX, ela explora o século XVIII, promove o século XVIII, traz entranhadas as cicatrizes do século XVIII. No início do século XIX, de acordo com Genette (2009), “quando os grandes volumes haviam se tornado mais raros, a diferença de importância ocorria entre os in-8º (in-oitavo), para a literatura séria, e os in-12º (e menores) para as edições baratas reservadas à literatura popular [...]” (p. 22). Os formatos in-8º e in-12º indicam a quantidade de vezes que a folha usada pelos impressores para a produção de livros (o folio) era dobrada. Enquanto um livro no formato in-12º, via de regra, era considerado leitura menos séria, por ser um livro “de bolso”, um livro no formato in-8º era considerado um livro de porte médio. Essa informação nos possibilita perceber que o *Essais...* de Lacroix, no formato in-8º, deve ser percebido como incluído na categoria dos textos de “leitura séria”, a julgar pelos padrões da época.

Num segundo momento desta análise formal focamos mais propriamente a narrativa apresentada por Lacroix. Para tanto, trabalhamos com fragmentos do texto, dando ênfase à análise argumentativa, chamando à cena, sempre que possível e necessário as demais possibilidades de análise formal. No trabalho de recortar e registrar os fragmentos para posteriormente apreciá-los, voltamos nosso foco para alguns elementos externos à obra – demais edições da mesma obra, demais obras do mesmo autor – que nos dão informações relevantes para a interpretação do livro. Deve-se lembrar que, enquanto a primeira parte do *Essais...* trata mais geralmente da Reforma da Instrução Pública francesa implantada segundo o ideário da Revolução – por sua vez parametrizado pelo Iluminismo –, a segunda parte refere-se ao ensino de Matemática e nela, enfaticamente, Lacroix apresenta e discute, de modo detalhado, os livros compostos para as Escolas Centrais – os manuais do *Cours de Mathématiques*. Ao tratar dessa sua coleção, Lacroix considera suas intenções de autor e particularidades de cada um dos livros, tanto do ponto de vista da organização e exposição dos conteúdos quanto do ponto de vista didático e pedagógico. Para a análise dessa segunda parte do *Essais...*,

portanto, julgamos necessário cotejar essas disposições do autor com cada um dos livros da coleção. Um dos expedientes para isso foi, por exemplo, o estudo (e a tradução) de todos os sumários dos livros que compõem o *Cours*.

Foi partindo exatamente do desejo de também transitar por todas as instâncias quando elaborando a análise formal (ou discursiva) que chegamos à conclusão de que, nesse caso, não nos seria possível executá-las. Em relação a essa fase, os tipos de abordagem sugeridos por Thompson são, todos, muito densos, carregados de teorias, rigores e singularidades próprias: a análise semiótica, a análise de conversação, a análise argumentativa, a análise sintática e a análise narrativa. Iniciamos tentando olhar para o *Essais...* a partir dessas cinco possibilidades, mas disso resultou um processo confuso, até mesmo assustador, que nos fez recuar. A impossibilidade de implementar uma análise da conversação já havia sido inicialmente constatada devido à natureza da forma simbólica – um livro – que tomamos como objeto. E, de repente, nos vimos diante de vários materiais de apoio relativos às teorias da Semiótica e da Narrativa, e nos deparamos com os rigores das – assumindo nosso desconhecimento sobre as – sintaxes da língua portuguesa e da língua francesa. Entendemos então que efetivar todas essas análises exigiria um fôlego que não tínhamos, e acabamos concordando que cada uma dessas análises poderia resultar num estudo diferente do *Essais...*, desenvolvidos por pesquisadores de campos distintos. Entendemos, na prática, o que a teoria já havia nos anunciado: os diferentes tipos de análise são possibilidades, não instâncias obrigatórias pelas quais deveríamos, necessariamente, passar. Foi preciso optar.

Havia um texto para analisar e optamos então por um procedimento: trabalhar com os fragmentos do livro de Lacroix, na tentativa de (re)construí-lo. Visávamos – experimentando – a um exercício de fragmentação que pudesse produzir uma unificação do discurso: estudar os fragmentos e fazê-los “dialogar” nos parecia um procedimento viável para produzir um discurso sobre o *Essais...*. Desenvolvemos, deste modo, o que chamamos de uma análise argumentativa da obra.

Elaboradas as análises sócio-histórica e formal do *Essais...* podemos, no momento de interpretação/reinterpretação, considerar esta obra como um escrito muito minucioso, no qual o autor faz sobressair, por diversas vezes, suas próprias experiências como docente. Já no início do texto, Lacroix esclarece seu leitor que, durante todo o livro, irá se manifestar como pessoa pública, tanto na figura de professor (quando afirma que tratará de suas experiências docentes) quanto na figura de administrador

(quando relata ter sido convidado, em 1794, para contribuir com o reestabelecimento da instrução pública na França). Além disso, o *Essais...* não é um texto qualquer de um autor qualquer: é um depoimento, um escrito testemunhal de um estado de coisas do qual um autor específico, nomeado claramente e participante ativo nas tramas que ajudaram a constituir um sistema nacional de instrução para a França do final do Setecentos, pode dar conta.

O *Essais...* foi pensado, escrito e publicado por um professor de matemática, cujo envolvimento com a docência teve início, ao que indicam as biografias, em 1782, aos 17 anos de idade, e que se estendeu por toda a sua vida. Um autor envolvido com a experiência que narra, um professor de matemática atento à suas experiências em sala de aula e, também, um reconhecido autor de livros didáticos de matemática cuja obra é considerada a mais traduzida para outros idiomas, inclusive, o português (o que nos revela o grande alcance dos livros didáticos de Lacroix no ensino de Matemática). O *Essais...* é uma obra, considerada pelo próprio autor, como o complemento de suas outras obras publicadas.

Esta obra foi pensada, escrita e publicada num momento em que a França passava por mudanças políticas, sociais, culturais e econômicas, refletindo, inclusive, no modelo educacional da época (cuja educação primária, até então, era direcionada ao povo e a educação secundária um privilégio apenas da elite e da nobreza). O início da Revolução Francesa provoca o desejo de transformar a instrução pública na França, de pautá-la no ensino das ciências, buscando o desenvolvimento da razão e do espírito do homem. Dessa forma, o conjunto de textos do *Essais...* trata desde a abolição dos colégios do Antigo Regime (cuja instrução pautava-se no ensino de Letras, segundo o modelo dos jesuítas, até então dominante) e da implantação de um novo sistema de ensino, mais aberto e oferecendo uma grande variedade e possibilidades de cursos.

Este novo modelo educacional – que cria as Escolas Centrais – surge, a partir das leis de 7 Ventoso ano III (25 de fevereiro de 1795) modificadas em Brumário do ano IV (outubro de 1795), fundamentado nas concepções dos filósofos iluministas (que procuravam, entre outros objetivos, tirar o povo da ignorância intelectual, questionando saberes, fazeres e poderes). A Lei do 3 Brumário ano IV estabelece os princípios para a criação das Escolas Centrais, dentre os quais a divisão do ensino em graus.

O *Essais...* é uma obra pensada, escrita e elaborada em meio a essas condições, uma obra em que o autor defende uma postura educacional não mais vigente (refletido

no próprio tempo verbal, o passado, usado pelo autor ao se referir às Escolas Centrais), e que o autor dá conta de reeditar (mais três vezes) em meio a outros regimes políticos e sociais que rejeitam a postura revolucionária que Lacroix defende efusivamente. Podemos afirmar que um dos principais temas do *Essais...* é a defesa apaixonada dos ideais das Luzes e do modelo de instrução revolucionário, pautado naquele ideário.

Considerações

Todo movimento hermenêutico parece reduzir-se à elaboração do que aqui chamamos “interpretação/reinterpretação”, um movimento que “repete criando” e se insinua em todos os momentos do exercício. Na prática, é como se as fases (ou dimensões) de análise formal (ou discursiva) e a análise sócio-histórica fossem momentos prévios em que se organizam as ideias que configurarão, de modo mais objetivo, a interpretação/reinterpretação, posto que o movimento de interpretar – que ocorre em cada evento singular, em cada momento do processo – não pode (ou para nós não foi possível) ser formalizado, registrado, do modo como (e no instante em que) efetivamente ocorre. Mas o texto da interpretação/reinterpretação nada é sem os textos das análises “anteriores”, e as análises “anteriores” se complementam, se entrelaçam, são sintetizadas, ganham força e coesão no texto da interpretação/reinterpretação. É preciso fazer uma diferenciação, portanto, entre a elaboração dessas fases e a redação do texto que registra essa elaboração. Se a elaboração é, digamos, mais caótica, plena de idas, vindas e voltas, o registro da elaboração, sua forma textual “final” é calma, e pacificamente se rende à linearização.

Toda informação leva a outra informação, toda descoberta induz novas descobertas, novos detalhes, outras “amarrações”. O contexto fala do texto, fixa o texto num lugar, num espaço; e o texto é essencial para indicar o contexto, para sugerir buscas. Essa talvez seja mais uma justificativa para adjetivarmos essa hermenêutica como “de Profundidade”: ela aposta nas inúmeras possibilidades de compreender as tramas entre materialidade e ideologia quando entrelaçamos texto e contexto. É mais que um simples registro descritivo do que a obra é, foi ou pode ser: é um conjunto de atribuições de significado que se funda na mobilização de uma pluralidade de olhares e de movimentos, sem esconder as tramas que culminam na configuração do “arremate final”. Sem o entrelaçamento entre texto e contexto uma hermenêutica – qualquer que

seja ela – é impensável. Sem entrelaçamento entre texto e contexto há descrições. A profundidade da interpretação reside nesse entrelaçamento e visa à ideologia que implica a (e está implicada na) elaboração e circulação da forma simbólica.

Assim, ao experienciarmos este processo de escolha dentre os diferentes tipos de análise da forma simbólica, registramos essa potencialidade do Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade: por indicar diferentes tipos de análise e a possibilidade de escolha, dentre esses tipos, daquele(s) que mais se aproxima(m) do que o hermeneuta pode efetivar ou se dispõe a efetivar, os caminhos possíveis para o projeto analítico vão ocorrendo. Os procedimentos sugeridos são, portanto, um conjunto possível, flexível e aberto. O Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade não é um manual pronto e fechado: ele oferece parâmetros que caberá ao hermeneuta, ao apropriar-se dele, explorar.

O trabalho com a HP dá ao leitor a possibilidade de não estranhar a mentalidade do autor, de tentar aproximar-se dela e entendê-la como parte de um contexto histórico específico, influenciada por e influenciando esse contexto. Além disso, pela HP é possível efetivar um exercício imaginativo que nos aproxima de uma época, das concepções então vigentes, das organizações sociais, culturais, políticas e econômicas de um determinado tempo e espaço que não necessariamente é o nosso. Dada a distância temporal entre nós e o tempo-espacó em que o *Essais...* foi produzido e inicialmente divulgado, essa característica da HP foi extremamente relevante. Não teria sido possível apresentar uma análise consistente dessa obra se tivéssemos nos restringido aos aspectos formais do livro, sem cuidar de tantos outros elementos que influenciaram sua criação e circulação.

O afastamento do contexto original de produção da obra, entretanto, nos impõe, também, alguns limites. Um dos mais presentes quando no processo de analisar o *Essais...* foi nossa limitação quanto à linguagem. Foi preciso dominar minimamente o francês, e mesmo durante o processo de tradução, já com um certo domínio da língua, a redação da obra nos impôs um afastamento do próprio idioma do modo como ele era e de como, hoje, passados mais de dois séculos, ele se estrutura.

A possibilidade de transitar por outras áreas do conhecimento, sobretudo pelos caminhos e pelas tramas da História, principalmente quando elaborando a análise sócio-histórica, lança o hermeneuta a outras searas. Muitas das informações que nos conduziram no exercício de compreender o *Essais...* vieram de um longo, intenso e

contínuo diálogo com o mundo dos historiadores. Essa inserção, ou essa tentativa de (re)construir o mundo em que a forma simbólica esteve, facilita e legitima o processo de apreensão e o torna mais autêntico: entender o “clima” da França no século XVIII e no início do século XIX disparou considerações que permitem uma interpretação plausível do *Essais...* no início do século XXI.

Segundo entendemos, analisar um texto vai além de simplesmente descrevê-lo, de compará-lo, de falar sobre os aspectos que o compõem, de biografar seu autor. É preciso tentar compreender o porquê daqueles aspectos que compõem a forma se configurarem deste ou daquele modo, dispararem este ou aquele comentário.

Deve-se ressaltar ainda que, segundo o próprio Thompson, a proposta da HP não é auto-suficiente. Isso legitima nossa opção por buscar um apoio técnico na concepção de Gérard Genette sobre os paratextos editoriais, provocando, assim, uma aproximação entre eles e a HP. Os paratextos permitiram que nos debruçássemos mais propriamente sobre a estrutura interna da obra, lançando olhares também para as cercanias da obra. Permitindo que sejam estabelecidas aproximações com outros métodos de investigação, a HP amplia as possibilidades do leitor ao mesmo tempo em que se ampliam suas fronteiras. A aproximação entre a HP e os paratextos editoriais nos foi bastante funcional. O paratexto permite que o leitor possa construir uma identidade para o mundo do autor, que ele possa transitar entre seu mundo, aquele outro mundo que a leitura cria, e o mundo que o autor pretendeu criar (GENETTE, 2009). O “texto” por si só não é capaz de adaptar-se ao mundo do leitor, considerando que possíveis leitores nunca estarão situados nos mesmos tempos e culturas, lendo uma “mesma coisa” sob uma mesma ótica. É preciso possibilitar, então, que cada leitor, no âmbito de suas singularidades culturais, sociais, políticas e educacionais, construa uma aproximação do mundo que “se faz presente” na obra, atribuindo significados a ele de acordo com os parametrizadores que lhe são oportunos. Com a HP essa aproximação de mundos se dá de modo semelhante, sobretudo com a análise sócio-histórica. Entretanto, percebemos que a análise paratextual possibilita, muito mais do que supúnhamos, este tipo de proximidade entre mundos também na análise formal. A análise dos paratextos provoca um movimento semelhante ao das análises sócio-histórica e formal. Sendo internos ou externos, os paratextos nos remetem à interconexão entre texto e contexto, promovendo parâmetros para produzirmos/atribuirmos significados a esse entrelaçamento que se torna componente estruturante de um projeto maior: o projeto hermenêutico. Deste

modo, a análise paratextual e a análise da HP contribuem legitimamente para tornar compreensível a “apresentação” e a “representação” da obra no mundo, ou seja, tornar compreensível o seu modo de se presentificar num emaranhado composto por texto, contexto e paratexto.

Referências

ANDRADE, M. M. *Ensaios sobre o Ensino em Geral e o de Matemática em Particular, de Lacroix*: análise de uma forma simbólica à luz do Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2012.

GENETTE, G. *Paratextos Editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LACROIX, S.F *Essais sur l'enseignement en général, et sur celui des mathématiques en particulier*. Paris, Bachelier, Imprimeur-Libraire. 4 ed., 1838.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e Cultura Moderna*: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. (Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais). Petrópolis: Vozes, 1995.